



IN DREAMS...

A FORBIDDEN M/M ROMANCE

INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR

AVRIL ASHTON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Table of Contents

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[IN DREAMS...](#)

[Livro ÚNICO](#)

[Avril Ashton](#)

(Sem título)

Tradução: Rose, Michelle

revisão inicial: Denise

REVISÃO FINAL: LANNA

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

Sinopse

Notas



Rosas e LIVROS

IN DREAMS...

LIVRO ÚNICO

AVRIL ASHTON

TRADUÇÃO: ROSE, MICHELLE

REVISÃO INICIAL: DENISE

REVISÃO FINAL: LANNA

Sinopse

Estar de luto pelo seu marido morto é uma carga bastante pesada.

Adicione traição à mistura, e fica impossível de sair da cama.

Porque você não beija seu enteado na noite do funeral de seu marido.

Você não sonha com suas mãos em seu corpo.

E pelo amor de Deus, você com certeza não confessa há quanto tempo o deseja.

Nota: um dos nossos mocinhos sofre de depressão.

Capítulo 1

— Sinto muito por sua perda.

James acenou e deu adeus à última pessoa a sair de sua casa, em seguida, ficou com a testa pressionada contra a porta fechada, a sua mão se recusando a girar a maçaneta. A cada minuto que passava ficava cada vez mais difícil respirar. E a cada tique do relógio tornava-se muito mais claro que seu marido tinha ido embora.

Se foi.

Não voltará.

Nunca.

Seus joelhos falharam e ele caiu para frente. Bem, para baixo. A morte de Clive não foi uma surpresa. O que surpreendia James foi o quanto isso o machucava. O quanto doía. O quanto estava ansioso para rastejar para a cama e nunca mais levantar.

— James?

Uma mão cautelosa tocou seu ombro, espalhando calor instantâneo que o fez se afastar. Não havia nenhum lugar para ir, no entanto. Não com a porta na sua frente e o recém-chegado às suas costas.

— Ei — braços o envolveram por trás, segurando-o quando ele se deixou ser abraçado, seu corpo relaxando ao toque.

Você sabe que está fodido, que está muito além do errado, quando os braços de outro homem instantaneamente lhe trazem alívio.

Ele não resistiu quando aquelas mãos hábeis o tocaram. James olhou para o homem que o segurava.

Ele tinha enterrado Clive hoje, seu marido por três dos sete anos em que estiveram juntos. Mas o homem que o segurava tinha os olhos de Clive, escuros e ardentes, sombreado por grossas sobrancelhas e emoldurado por cílios grossos.

O alívio que sentiu olhando para aqueles olhos familiares trouxe lágrimas aos seus. Ele estendeu a mão, tocando uma mandíbula raspada.

— Ele se foi — ele mordeu o lábio inferior para parar o tremor, mas não ajudou. — Naz, ele se foi.

Nazir assentiu enquanto olhava para James, a dor escurecendo ainda mais seus olhos. James perdeu um marido, mas Nazir perdeu o pai. Era a mesma dor, só que diferente. Mas seus braços estavam apertados ao redor de James, oferecendo conforto, apesar das linhas rígidas cruzando sua testa e o tique em sua mandíbula enquanto ele se controlava.

Nazir Atkins estava sempre no controle.

— Sinto muito. — James sussurrou para ele. — Eu sinto muito.

Todas as pessoas que o tinham abraçado hoje, que tinham oferecido comida e palavras de conforto, nenhuma delas entendia a gravidade desta *coisa* dentro de peito de James. Não era só tristeza. Não era apenas a perda. Não era só dor.

Era tudo isso. E mais.

Culpa.

Vergonha também.

Saudade.

Ele desviou o olhar de Nazir, engolindo um grito.

— Está tudo bem. — Nazir se inclinou, descansando a testa contra a de James, sua respiração provocando o seu queixo. O nariz dele. Quando ele virou a cabeça ligeiramente, a bochecha molhada roçou a de James. — Está tudo bem.

Esse ato de vulnerabilidade puxou o nó no peito de James, soltando apenas o suficiente para ele ofegar, para respirar. Para enterrar seu rosto na garganta de Nazir e chorar lágrimas silenciosas. Eles permaneceram no chão contra a porta, os braços de Nazir em torno dele, James lutando para se controlar.

Para consolá-lo.

Nada estaria bem novamente. Clive tinha ido embora. E James estava na porra do chão em uma bagunça, envolto nos braços de seu enteado, encharcando-o com seus arrependimentos e vergonha. Quão doente ele era? Os dedos dele segurando os bíceps grossos de Nazir não afrouxaram, no entanto. Ele não se afastou. Ele não colocou distância entre ele e Nazir.

A distância nunca importava.

O que importava agora era abraçar o lado egoísta de si mesmo, o lado que queria ser consolado. Que queria alguém para ajudá-lo a superar aquela doença interior que o fez buscar esse calor. Estes braços. *Este homem.*

— Hey — uma mão grande em concha tocou sua nuca, puxou-o para trás, e James piscou as lágrimas de seus olhos. — Você vai ficar bem — a voz de Nazir estava estrangulada.

Mas Nazir estaria bem?

— Eu sinto muito — ele apenas repetia a mesma merda. — Eu deveria estar consolando você. Eu deveria ser aquele o reconfortando.

— Você está. — Nazir fechou os olhos avermelhados brevemente antes de reabri-los para olhar para James. — Você faz muito mais do que imagina.

Ele não estava fazendo nada além de trair o seu marido, mas James não tinha intenção de expressar isso.

Ele tocou o rosto de Nazir novamente, o sentindo. A pele rica em tom castanho acobreado. Seu rosto angular e queixo quadrado, com as maçãs do rosto proeminentes. O piercing dourado no nariz. Usava o cabelo raspado na nuca e locs¹ curtos sobre o topo de sua cabeça que pendia em seus olhos. Ele era o filho de seu pai, cativante e atraente.

E James não deveria estar aqui. Não deveria estar em seus braços, analisando e comparando as suas feições. — Eu... você deve ir.

Nazir simplesmente continuou encarando James, como se ele pudesse ver dentro de sua mente, como se soubesse de todas às vezes, que este exato momento tinha acontecido nos sonhos de James. Como se soubesse da traição de James. Como se pudesse vê-la, cheirá-la. Lê-la em seu rosto.

— Naz — ele sussurrou. Seus dedos se contraíram e ele percebeu que ainda não tinha parado de acariciar o rosto de Nazir. — Naz.

Como ele poderia estar implorando e não saber o que estava pedindo?

Os olhos de Nazir tinham um brilho selvagem. Algo quente o suficiente para deixar James ofegante. Ele inclinou o queixo para cima, roçando seus lábios sobre o queixo de Nazir.

A respiração de alguém travou.

Alguém rosnou.

Alguém fez o primeiro movimento.

Você não beija seu enteado. Não na noite do funeral de seu marido. Você não o agarra pela garganta e puxa-o para perto ao mesmo tempo em que abre a boca para a sua língua mergulhar para dentro e aniquilar o seu raciocínio e bom senso. Você não esquece quem é, o que você é. Você não se perde na cadência de seus gemidos e o deslizar de suas mãos em suas costas. Você não sente prazer com o raspar de sua barba espessa em sua pele, e o seus dentes mordendo seu lábio inferior. Você certamente não inala o cheiro dele e arquiva o cheiro e o sabor para as noites solitárias à frente.

Mas James fez isso.

Jesus Cristo, ele fez.

Foi Nazir quem quebrou o beijo, mas foi James que soltou as mãos logo depois. Ele lutou para ficar de pé, e se afastou, se encaminhando para o quarto que ele compartilhava com o marido que havia traído muito antes de sua morte.

Um ano depois...

O som estridente do seu telefone tocando arrancou Nazir do sonho mais doce. Ele não queria deixar o sonho, ainda não. A cena recorrente o torturava com tudo em que ele não se permitia pensar durante suas horas de vigília. No sono, a felicidade estava isenta de culpa. A dor da perda e do desejo insatisfeito era inexistente.

Ele queria manter a fantasia onde o homem que ele desejava retornava seus sentimentos e não tinha problemas em olhá-lo nos olhos sem sentir vergonha, mas o maldito telefone o interrompeu.

Ele rolou de costas, os olhos ainda fechados enquanto esticava um braço, batendo na mesa de cabeceira em busca de seu telefone. Limpando a garganta, ele trouxe o dispositivo causador do seu problema sonoro ao ouvido.

— Sim.

— Chefe, é Serch.

Ele sentou rápido, com os olhos abertos.

— O que há de errado?

Antes que Serch começasse a explicar, Nazir estava fora da cama, pisando nos tênis cinza escuros que ele havia descartado nem mesmo – ele olhou para o relógio digital na mesa de cabeceira – duas horas atrás.

Merda.

— Você uh, disse que era para ligar se ele fizesse aquela coisa de novo? — o tom de Serch estava hesitante, como se ele não tivesse certeza de como Nazir iria responder ao ter que atender uma chamada às 3:14 da manhã do caralho.

Normalmente, Nazir mandaria o seu empregado ir se foder. Mas isso era diferente. O resto do seu sonho ainda se agarrava a ele, como teias de aranha, e era difícil de combater. Ele nem sequer tentou.

— Vigie-o — ele emitiu a ordem enquanto pegava suas chaves e carteira da cômoda. — Estou a caminho.

A viagem de carro levou treze minutos. Uma rota que ele tinha dirigido uma centena de vezes, na calada da noite durante o ano passado. Ele só parou quando se tornou impossível manter a máscara

no lugar. Quando a dor inchou ainda mais o seu coração e corpo, mais do que poderia conter. Foi quando ele tinha atribuído Serch para assumir seu lugar, do lado de fora, no carro e vigiando a casa.

James não gostava, ele odiava na verdade, mas era para amenizar a culpa de Nazir. Aquela vez, logo após o funeral, quando James caminhou meio-dormindo através de um beco sem saída, sempre assombraria Nazir. Ele não tinha estado lá, porque estava tentando manter sua distância. Ele ainda ficava longe, mas pelo menos Serch estava por perto para alertá-lo se alguma coisa fora do comum acontecesse. Sem mais caminhadas noturnas. Apenas casos de James sentado no jardim do quintal durante toda a noite.

Isso já acontecera duas vezes.

Essa seria a terceira vez.

Quando ele chegou à casa que James já havia compartilhado com seu pai, Nazir estacionou na garagem, saiu de seu veículo e seguiu as luzes de led inseridas no chão até a passarela que levava ao quintal. Ele não viu Serch, mas isso era uma coisa boa. As pessoas que trabalhavam para ele em sua empresa de segurança, a empresa que ele foi capaz de erguer do chão com o dinheiro que seu pai lhe deixou em seu testamento, foram treinados para desaparecer em segundo plano. Ele parou um pouco antes de entrar no quintal, cerrando os punhos, respirando profundamente. Preparação era uma coisa inútil, mas ele ainda tentava, ainda fingia. Eles não viam mais um ao outro cara a cara. E quando precisavam se comunicar com o outro, se comunicavam através de e-mails.

O efeito do beijo que tinham compartilhado na noite do funeral de seu pai foi quase tão duro quanto à perda de seu pai. James deixou-o no chão e subiu as escadas, onde ele ficou na cama por semanas, perdido em sua depressão. Nazir não teve tempo para lamentar o beijo, ele tinha ficado muito preocupado com James, com medo do que estava acontecendo em sua cabeça, com medo que James faria algo irrevogável como se machucar.

Essa era uma época que ele não queria reviver jamais.

As luzes iluminaram o caminho com um brilho azul-prateado. Apenas o suficiente para Nazir distinguir o homem sentado no banco, ombros curvados, as mãos cruzadas no colo, enquanto olhava para a macieira de um metro e cinquenta no meio do espaço bem conservado.

Nazir o ajudou a plantar a árvore. Da última vez que tinham estado próximos.

Ele continuou caminhando, seus passos ecoando para que sua abordagem fosse ouvida, mas o homem no banco não deu nenhuma indicação de que ele ouvira. Nem se mexeu quando Nazir sentou ao lado dele. Era como se ele estivesse esperando Nazir, e suas palavras seguintes confirmaram essa suspeita.

— O seu pessoal te chamou, huh?

Não havia um momento em que ele não tinha sentido aquela voz, e sofrido por ela. Ele apertou a mandíbula, mantendo seu foco na árvore, buscando o que ele sabia que nunca iria encontrar.

Perdão.

Absolvição.

— Você está bem?

Claramente, a resposta era não, mas ele tinha que manter alguma conversa. Ele tinha que se concentrar.

— Por quanto tempo você manterá seus homens me vigiando? — a pergunta foi feita sem raiva, apenas uma leve curiosidade, mas Nazir se preparou e se virou para o homem ao lado dele, de qualquer maneira.

James Ross-Atkins o deixou no limite desde a primeira vez que se encontraram, e ele manteve Nazir assim, dançando nessa linha fina entre a lealdade e traição de forma imprudente. Ele não sabia que um soco no estômago poderia doer tanto por tanto tempo. James estava com quarenta e cinco agora, e ele tinha quinze anos a mais do que Nazir.

Como se isso importasse.

Por que iria importar quando o fato de que James estava com seu pai nunca importou?

— Você está bem? — ele não podia esconder a rouquidão em sua voz, provocada por essa proximidade que doía mesmo quando curava.

— Eu estava sonhando. — James se afastou um pouco, e Nazir não deveria sentir a perda de seu calor tão intensamente. — Ele estava lá, sorrindo para mim. Você sabe, daquela maneira que ele sorria... com os olhos todos enrugados nos cantos — ele fungou, e suas mãos agora agarravam seus joelhos.

Nazir manteve-se rigidamente. Seu peito ardia tão ferozmente que era difícil de respirar. Ele não queria ficar ali sentado ouvindo James lembrar, mas ele com toda maldita certeza não iria sair. Não, isso era o certo, não era?

Penitência.

Suas unhas afundaram profundamente na sua palma quando ele fechou suas mãos.

— James — o nome rolou em sua língua, assustando-o.

As palavras de James vacilaram, morrendo rapidamente, mas ele endireitou os ombros e continuou.

— Ele está em meus sonhos todas às noites. Às vezes ele está feliz e às vezes... — sua voz baixou. — Às vezes ele está com raiva. Essas vezes eu acho que ele sabe...

— Vamos levá-lo para dentro. — Nazir ficou de pé e estendeu a mão, esperando que James não a tomasse. Rezando para que ele o fizesse.

James olhou para ele. À luz baixa, era difícil distinguir seus traços, mas seus olhos estavam no rosto de Nazir, demorando-se um pouco antes que suas narinas dilatasse e ele desviasse seu olhar.

De volta para a macieira.

A árvore era um símbolo de todas as coisas turbulentas que corriam pelo corpo de Nazir. Coisas que ele tinha certeza que ia ver no rosto de James também, o outro homem nunca se permitiu encontrar o olhar de Nazir por mais de um *nano segundo*.

James não pegou a mão de Nazir, mas ele finalmente levantou. Nazir ficou para trás, seguindo-o para dentro de casa. Um lugar que Nazir queria estar ainda menos do que no jardim. Mas ele foi.

Quando James hesitou na entrada que levava à cozinha, Nazir fez a sua jogada, acendendo a luz quando ele entrou.

— Deixe-me pegar algo para você beber — ele não esperou por uma resposta, enchendo um copo com água da pia e o aquecendo no micro-ondas. Ele não estava disposto a esperar pela chaleira.

Uma cadeira raspou no chão atrás dele quando James sentou em um dos bancos de encosto alto posicionados na copa. Quando o micro-ondas apitou, Nazir ocupou-se fazendo o chá de camomila que James gostava, antes de se virar e colocar a xícara na frente dele.

O outro homem pegou com um aceno de cabeça em silêncio, sem olhar para Nazir que estava contra o balcão, tornozelos cruzados, assistindo-o.

Ele tinha perdido algum peso em relação ao ano passado, mas ele ainda era musculoso. Combinado com a altura de Nazir de 1.85, James

permanecia lindo, com a rica pele bronzeada que contrastava lindamente contra o próprio tom acobreado da pele de Nazir. Tudo o que ele tinha experimentado nos últimos anos tinha escurecido a luz em seus profundos olhos cor de âmbar. Ele manteve os cabelos bem curtos, mas a barba grisalha em seu rosto oval estava bem aparada, parecido com alguns dias de barba por fazer. Nazir não conseguia parar de olhar para os lábios dele.

Especialmente quando James soprou em sua xícara. Sentia como se ele mandasse aquele calor para Nazir, flutuando sobre sua pele, e depois na barriga e se acomodando mais em baixo, até que se tornou demais. Até que ele teve que mexer seus pés e limpar a garganta, rapidamente contando números em sua cabeça em uma tentativa de aliviar a pressão na virilha.

Doente, não era? Tão doente, mas ele não podia parar. Ele não sabia como.

— Nazir.

Seu olhar voou para James. O outro homem usava uma máscara, aquela com o sorriso que não alcançava seus olhos, por mais que tentasse.

— Como tem passado? — Perguntou James.

Ele limpou a garganta novamente, se endireitando.

— Bem — uma palavra ridícula, porque nada estava bem. — Eu estou bem.

James assentiu com um movimento brusco. Automático. — E os negócios?

Conversa fiada às 3:30 da manhã. Antes, não era tão difícil. Eles tinham um amortecedor, alguém entre eles que tornava impossível sentir *essa coisa*. Que tornava impossível querer isso.

— Negócio... O negócio vai bem.

Como ele estava falando, ele não sabia. Como James o entendia através da aspereza de sua voz, ele não tinha ideia.

O olhar de James flutuou para longe dele, os nós dos dedos brancos contra a xícara vermelha. — Por que você colocou homens para ficarem me vigiando?

Ele não olhou para Nazir, mas Nazir olhou para ele, para sua boca, quando respondeu:

— Ele queria que eu cuidasse de você.

James estremeceu, balançando para trás na cadeira. Seus olhos, antes apagados, agora estavam vivos, mas feridos.

— Por quê? — seu pomo de Adão balançou e os dedos segurando a xícara flexionaram. — É por isso... é por isso que você está aqui?

Porque mais ele estaria lá? Porque ele queria ver James? Porque ele queria ouvir o seu nome sendo dito com aquela voz que o mantinha sentindo algo que ele não deveria, que não podia?

— Como está se sentindo? — ele perguntou em resposta.

James olhou para ele, o fogo em seus olhos desaparecendo até que voltaram a ficar apenas castanhos, mais uma vez sem brilho e frios.

— Eu me sinto bem — ele colocou a xícara com o vapor ainda subindo e ficou em pé. — Vou voltar para a cama — ele virou-se, em seguida, falou sobre seu ombro. — Talvez seja hora de você chamar o seu cara lá fora. Considere o seu dever concluído.

Essa farpa atingiu o seu objetivo e Nazir agarrou a borda do balcão.

— James. — James parou, mas ele não se virou. — Há muitas razões para eu estar aqui, mas essa é a única que devo contar. É a única que eu posso me permitir falar em voz alta.

Ele ouviu o engasgo na respiração de James. Viu o enrijecimento em seu corpo.

Essa coisa era maior do que ele esperava, mais forte do que ele jamais poderia esperar que fosse. Necessidade estava no cômodo entre eles, tão espessa quanto a umidade do verão em Atlanta. Sufocante, enfraquecendo seus membros, tornando muito mais difícil de fazer a coisa certa.

James se mexeu. Hesitante no início, um pé na frente do outro, o levando na direção oposta. Para fora da cozinha. Passos ecoando pelas escadas até que ele se foi. Para longe de Nazir.

Foi a coisa certa? Nazir não sabia de mais nada. Ele sabia que o inferno estava aqui, de pé na cozinha, estúpido, louco, e perdido sobre o marido de seu falecido pai.

Capítulo 2

Ela veio de repente, a saudade.

Não importa quantas vezes James tentasse identificar o momento em que sua vida se tornou uma mentira, ele não podia. Um segundo ele estava feliz, contente, e no próximo...

Inclinou-se sobre o balcão da cozinha com uma caneca, não muito diferente da que Nazir entregou a ele naquela mesma cozinha na noite anterior, cheia de chá de hortelã. Ele costumava ser um bebedor de café prolífico. O seu dia não começava até a terceira xícara, mas eles tinham descoberto há alguns anos que o café e seu estômago não estavam de acordo. Então, hoje em dia, ele se entregava ao chá.

Clive o acompanhara, chegando ao ponto de reduzir seu próprio consumo de café em solidariedade.

Um bom homem. Ele se casou com um homem bom.

Clive não merecia isso. Não merecia essa traição. Graças a Deus ele não estava por perto para ver a versão de James que olhava para ele no espelho ultimamente.

Mas tão rapidamente quanto esse pensamento vinha, também vinha uma onda de tristeza, batendo em James até que ele estivesse curvado, segurando a xícara entre os dedos doloridos. Nunca poderia estar bem quando seu marido estava morto. Nunca poderia estar bem se Nazir perdeu o pai.

Nada disso estava bem.

A desesperança ameaçava dominá-lo, então ele pegou os comprimidos que tinha colocado sobre o balcão e os engoliu, usando o chá para levar tudo para baixo.

Antidepressivos.

Ele costumava ficar bem, mas não mais.

Passou a mão na testa, ajeitou o terno cinza escuro e soltou um suspiro antes de pegar sua mala e caminhar até a porta. O carro estava esperando por ele na calçada, o motorista estava ao lado dele com as mãos na frente. Ele tinha um rosto familiar, corpulento com pele morena clara e uma barba espessa. Ele usava locs soltos, de comprimento médio e calça preta com uma camisa de cor correspondente, as mangas enroladas até os cotovelos, exibindo tatuagens coloridas.

Você não dorme por uma noite e de repente têm a porra de uma babá.

Ele se ressentia muito por Nazir mantê-lo em observação, mas ele apreciava isso. Ele não tinha que dirigir, então podia sentar-se no banco de trás e olhar para o espaço, preso em seus pensamentos.

A babá/motorista olhou-o de cima a baixo, confusão franzindo sua testa. — Para onde estamos indo hoje, senhor?

— Para o escritório. — James estendeu a pasta, escondendo um sorriso quando os olhos do motorista se arregalaram. James não tinha ido ao escritório em meses.

— Claro, senhor.

Rapidamente, James entrou no carro, com um suspiro quando eles saíram da garagem. Desde que Clive faleceu, era cada vez mais difícil se levantar todas as manhãs e ir trabalhar na empresa imobiliária que eles começaram juntos.

Tudo doía quando ele entrava na empresa. Tudo doía quando ele estava em casa também, mas ele não tinha a opção de se esconder na cama enquanto estava no escritório. Hoje, ele não tinha certeza por que estava indo para lá. Exceto, talvez, pelo fato de ele estar cansado de estar cansado. Cansado de ficar escondido dentro de casa atrás de cortinas opacas. A depressão não era brincadeira, mas também era um estudo doloroso de contradições. Ele queria levantar, mas não tinha vontade de fazê-lo. Ansiava por ser abraçado, mas tinha vergonha de pedir um abraço. Desejava ter alguém para conversar, mas era incapaz de falar a sua verdade à alguém. Era difícil, tão difícil, por vezes, sair da cama, mas cuidar de si mesmo era sua responsabilidade. De mais ninguém.

Definitivamente não era de Nazir.

Clive achava que James não seria capaz de lidar com ele mesmo. O pensamento o destruía. Por que mais o marido diria ao filho para cuidar dele?

Ele fungou, voltando o olhar para o cenário que passava enquanto se dirigiam de Tucker para Marietta.

Eles se conheceram em Centennial Park, ele e Clive. Em um domingo. Clive estava com outra pessoa. E James estava sozinho, descansando na grama em cima de um cobertor, lendo um livro ao sol. Eles pediram para ele tirar uma foto e ele tirou a foto, exceto que não foi capaz de tirar os olhos de Clive.

E Clive nem se incomodou em desviar o olhar. Eles jogaram conversa fora, Clive e seu camarada, Clive entregou a James seu cartão para ligar para ele *caso fosse comprar uma casa*. James não ligou. Porque ele não fazia essa merda. Ele não viu Clive novamente.

Até meses mais tarde, quando ele ligou para o número do cartão pedindo ajuda para colocar a casa de sua mãe falecida no mercado. Estritamente negócios. Mas Clive estava solteiro naquela época, o namorado havia ido embora. A partir desse momento, eles foram inseparáveis. Nazir tinha estado por perto, na periferia, o filho crescido do homem que James estava namorando. Quietos. Discretos. Até que ele não estava mais, não na última parte. Ele começou a ocupar espaço.

E as mentiras de James começaram.

O carro estacionou em sua vaga em frente ao edifício onde alugavam o escritório para o negócio. Ele encolheu os ombros, as mãos cruzadas, enquanto contava em sua cabeça. Por que ele veio? Todo mundo iria ver o quão fraco ele estava. Como estava perdido. Eles saberiam que ele era inútil e que precisava de um guardião. Clive foi o seu guardião? Ele era responsável de Nazir agora? O que ele deveria fazer sobre isso?

Ele deixou cair às mãos, agarrando a borda do seu assento, a respiração saindo mais rápida do que deveria, fechando sua garganta.

— Senhor?

Ele levantou a cabeça, encontrando o olhar do motorista.

— Você precisa de ajuda?

Assim, ele poderia relatar James para Nazir? De jeito nenhum. Ele sentou-se em linha reta e endireitou os ombros.

— Eu estou bem — sua frase habitual. Ele deveria colocá-la em um travesseiro ou algo assim. Ele tentou um sorriso, mas como tudo hoje em dia, não se encaixava. Muito tenso. Muito difícil. Muito falso. — Obrigado, uhh... sinto muito, qual é o seu nome?

Faziam meses que o homem o espreitava e relatava seus movimentos para Nazir e James ainda não sabia seu nome.

— Você pode me chamar de Serch, senhor — a expressão em branco do motorista - de Serch - não mudou. Se ele se ofendeu por James não saber seu nome, ele não demonstrou.

— Serch — ele acenou com a cabeça quando soltou o cinto de segurança. — Obrigado, Serch. Eu te ligo quando eu estiver pronto para ir para casa.

Ele saiu do carro, mas Serch já estava fora e ficou ao lado dele.

— Eu vou estar aqui, senhor. Eu não vou embora.

James congelou. Um, porque ele não esperava isso. E dois, porque ele tinha estacionado na vaga de Clive.

— Uh, você não... — ele desviou o olhar do espaço vazio e tentou se concentrar em Serch. — Você não tem que ficar aqui o dia todo, esperando por mim. Tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer.

A expressão do outro homem não vacilou. — Eu não tenho. Estarei aqui.

Uau. Ele realmente tinha que falar com Nazir. Isso era inaceitável.

Mas falar com Nazir..

Ver Nazir..

— Como quiser — ele não esperou por uma resposta ou para ver o que Serch faria. Ele se afastou, lutando contra o desejo de olhar para trás, para a vaga de estacionamento de Clive. A porta principal para os escritórios fez um *ding-dong* quando ele a abriu.

A recepcionista, Tessa, levantou a cabeça de sua tela de computador.

— Bem vindo ao Ross-Atkins Realty, como... — seus olhos se arregalaram quando ela o reconheceu. — Sr. James.

Ela se levantou, contornando sua mesa e rapidamente se aproximando dele.

Ele endureceu automaticamente. Ele tinha chegado a odiar ser tocado recentemente. Qualquer um que colocava as mãos sobre ele o fazia por tristeza, por piedade, por pesar.

— Bom dia, Tessa — ele nem sequer se preocupou em tentar sorrir dessa vez.

— Senhor — ela tocou os braços dele suavemente. — Eu não sabia que você viria. Como você está?

Tinha aprendido que as pessoas esperavam apenas uma resposta quando faziam essa pergunta. Não importava se era verdade. A resposta não era para você, era para eles. Para aliviar sua própria consciência, tornar muito mais fácil de dar-lhe um sorriso e um aceno de cabeça antes de ir embora cheio de orgulho de que eles tinham feito a sua parte. O que ele deveria dizer?

— *Honestamente? Eu não consigo dormir à noite, porque o meu marido morto continua aparecendo nos meus sonhos e eu não sei se é porque ele sente minha falta ou se ele está me assombrando, porque ele sabe do meu segredo sujo e sombrio.*

Isso não cairia muito bem, não é?

— Eu estou bem — disse ele a Tessa. — Muito melhor.

Alívio inundou seus olhos. — Oh, eu estou contente de ouvir isso.

— Obrigado — ele acenou com a cabeça na direção do escritório que uma vez ele compartilhou com Clive. — Eu estarei no escritório se precisar de mim.

— Sim, senhor.

Ele fez a sua fuga pelo corredor, passando pelos outros escritórios. Os outros não tinham chegado ainda, o que era uma coisa boa. Ele não estava pronto para ver qualquer um deles.

Merda.

Por que ele veio?

Dentro do escritório, ele fechou a porta atrás dele e caminhou até pegar o telefone sobre a mesa. Apertou um botão, e disse a Tessa:

— Tessa, eu não quero ser incomodado, a menos que seja uma emergência, ok?

— Claro, senhor.

— Certifique-se de dizer aos outros quando chegarem.

Todos estariam fazendo fila para olhar para ele como se fosse uma aberração em um circo, se ele desse uma chance. Ele desligou o telefone, em seguida, afundou em sua cadeira.

A mesa de Clive estava na frente dele, a alguns metros de distância.

Eles gostavam de trabalhar juntos. Construíram o negócio. Uma vida. Tinham planos de expandir o negócio, abrir um segundo escritório em Midtown. Esses planos estavam suspensos agora e James não tinha certeza se ele queria avançar. Isso não deveria acontecer. Ele e Clive deveriam envelhecer juntos.

Mas ele estava sozinho agora.

Ele tinha pensado muito em se aposentar, mas o que ele faria durante todo o dia? Ficar em casa e pensar em todas as maneiras que

ele deixou Clive triste?

Ligou o computador e digitou o nome do negócio de Nazir. Até mesmo esse ato parecia... de alguma forma errado. Como se ele não devesse estar fazendo isso, pesquisando seu enteado. Ele não deveria passar meia hora nas redes sociais vendo as fotos de Nazir e de seus empregados.

A quietude de Nazir deixou James no limite na primeira vez que Clive os apresentou. Ele julgou como desagradado, e embora Nazir fosse um homem adulto, James ficou preocupado que isso afetaria seu relacionamento. Tudo sobre Nazir Atkins ainda era assim. Ele carregava uma intensidade que James não sabia se deveria ter cautela até que fosse tarde demais.

Ele tinha trinta anos, mas Nazir, por vezes, parecia mais velho do que James pela maneira como se portava. No controle em todos os momentos. Havia força em seu silêncio, mas também nas linhas de seu corpo. Musculoso, mas sem exagero. A pele do mesmo tom de Clive. Impressionante. Seus olhos eram de um castanho profundo e pareciam intermináveis. Em um ponto, James pensou que fossem pretos. Até que aconteceu aquele momento quando ele chegou perto, mais perto do que jamais deveria ter chegado do seu enteado.

Aquele momento... Ele o puxava dos cantos mais distantes de sua mente em suas horas de solidão, permitindo que ele o confortasse. Permitindo que o aquecesse. Só por pouco tempo, antes de voltar à realidade fria.

Ele acabou no site dos negócios de Nazir, o mouse pairando sobre o número de contato listado. Não era como se ele não tivesse o telefone pessoal de Nazir, mas ele estava se esforçando para manter distância. Mas por algum motivo ele tinha descartado daquela vez. Ele queria se livrar de Serch. Ele queria libertar Nazir, mas sua mão tremia de qualquer maneira quando ele pegou o telefone.

Ele digitou os números.

Ele esperou enquanto tocava.

— Atkins Security.

James não reconheceu a voz masculina, e por um momento, a decepção tocou seu corpo. Ele tinha antecipado que Nazir fosse ser o único a responder. Que estúpido.

— Olá — ele limpou a garganta. — Eu... eu preciso falar com Nazir.

— Quem está falando? — o homem parecia levemente curioso.

— Pode dizer que é James — ele fez uma pausa. — Seu padrasto.

Havia certo escudo que o rótulo criava. Uma proteção na qual ele se agarrava desesperadamente.

— Um momento, por favor.

— James — a voz de Nazir ecoou em sua cabeça um segundo depois, surpreendendo-o. — O que está errado?

— Nada — ele lambeu os lábios. — Nada está errado. — Nazir permaneceu em silêncio, de modo que James continuou: — Eu estou no escritório.

— Eu sei. Por quê?

Claro que ele sabia. Serch já havia entregado um relatório.

James franziu o cenho para sua mesa e ignorou a pergunta. — Eu gostaria que você parasse de ter o seu cara me vigiando. Eu não sei por que você acha que preciso de uma babá ou um motorista.

— Serch está lá para se certificar de que tudo esteja bem. — Nazir falou como se abordasse uma criança. O que irritou James ainda mais.

— Por quê? Eu sou um homem crescido, eu posso cuidar de mim mesmo. Eu não preciso de uma babá. Eu não preciso de você e seus homens perseguindo cada passo meu.

— Eu fiz uma promessa.

Ele bufou uma risada. — Certo, você prometeu. Não importa o que eu quero, acho. Contanto que você cumpra o que prometeu.

Se Nazir pegou o sarcasmo, ele não mordeu a isca. — O que você quer, James?

A pergunta suave roubou o seu fôlego. Parou a sua mente. Ele manteve o aperto no telefone, odiando o fogo que dançava na parte de trás de seu pescoço e na parte de baixo do seu corpo. Amava esse calor, porque afugentou o frio solitário por um breve momento. *Eu não quero me sentir assim.* Mas ele não podia expressar isso. Eles nunca tinham falado disso.

— Eu não... eu não preciso ser vigiado — maldição, sua voz. Essa porra de rouquidão. — Eu não sou sua responsabilidade, Nazir.

A respiração de Nazir ficou presa em seu ouvido.

James congelou. O que esse som queria dizer? Por que ele se importava?

Ele balançou sua cabeça.

— Qualquer que tenha sido a conexão que tivemos um com o outro, morreu junto com o seu pai — ele disse a Nazir. — Chame seu homem.

— Eu tenho que ir.

Alguém falou com Nazir no fundo, muito baixo para que James pudesse entender.

— Nazir — ele engoliu em seco. — Por favor.

Cristo. Ele estava implorando. Ele tinha sido reduzido a isso?

— Eu vou passar em sua casa mais tarde — disse Nazir. — Podemos conversar, então.

Ele desligou antes que James pudesse dizer não.

Não era uma boa ideia. Os dois naquela casa com suas memórias.

Com *aquela* memória.

Ele se levantou e saiu do escritório, passando por Tessa, e saindo pela porta. Ele caminhou até o carro no estacionamento, batendo na porta do lado do motorista para chamar a atenção de Serch, que estava jogando *Candy Crush* em seu telefone.

A janela baixou.

— Leve-me para casa — ordenou quando Serch abriu a boca.

— Sim, senhor.

Ele entrou na parte de trás, afivelou-se e esfregou a testa. Seus dedos tremiam tanto que ele abriu as mãos no colo, torcendo os dedos trêmulos ao redor um do outro.

Costumava haver uma época em que ele podia falar com Nazir sem tremer, ele sabia disso. Ele simplesmente não conseguia se lembrar. Tinha que ter sido no momento em que seus sonhos não eram imagens distorcidas e sinuosas dele, passando por cima do corpo moribundo de seu marido no chão do quarto para ir até o seu enteado.

Para tocar seu enteado.

Beijá-lo.

Certamente houve um tempo em que seu corpo ganhava vida por alguém que não fosse o filho de seu marido. Quando sua barriga não

tinha borboletas e se agitava por um homem mais jovem com um olhar profundo e que tinha o último nome de James.

Mas ele não se lembrava.

Clive.

Ele levantou as mãos - agora em uma posição de oração - até sua boca. Ele não poderia saber, poderia? Clive não poderia saber que perto do fim, James não estava transando com *ele*. Beijando-o.

Quão fodido você tinha que ser?

O quão fodida estava a sua cabeça, para olhar para o rosto do seu marido e ver seu filho quando você transava com ele?

Ele cobriu sua boca, abafando o som triste rasgando suas entranhas.

Depois do funeral, ele tinha se escondido, se afundando na depressão, permitindo que a culpa colorisse a dor e a transformasse em algo ainda mais sombrio. Sair da cama era tão difícil. Ele teve que negociar consigo mesmo apenas para dar os seis passos necessários para o banheiro, a fim de escovar os dentes. Para se banhar.

Nazir o encontrou naquele quarto escuro e fedorento. Nazir fez com que ele tomasse seus remédios e que ele comesse. Ele se certificou de que James tivesse uma razão para sair para o quintal, ele plantou uma macieira em homenagem a Clive, que amava tortas de maçã. Agora James tinha que cuidar da árvore. Ele tinha que colocar suas mãos e joelhos no chão.

Isso o ajudava imensamente.

Mas isso não aliviava a culpa. Na verdade, tornava-a mais difícil. Clive merecia mais do que James tinha dado a ele. Ele só... Como ele iria superar essa coisa em seu corpo que se deleitava com a presença de Nazir? A voz dele?

— Chegamos, senhor.

— Obrigado.

Ele não esperou por Serch abrir a porta para ele. James saiu e entrou em casa, batendo a porta atrás dele. Ele jogou as chaves de lado, em seguida, tirou os sapatos e subiu as escadas para o quarto principal.

Ele se despiu enquanto estava ao lado da cama, até que ele usava apenas sua cueca boxer, olhando para a cama que se recusou a fazer esta manhã. Por que arrumar quando ele a bagunçaria tudo de novo?

Ele passava noventa por cento do seu tempo na cama hoje em dia. Comendo. Chorando. De luto.

Mas quando chegava a hora de dormir, ele dormia no chão, enrolado em um saco de dormir que ele empurrou no armário de utilidades no final do corredor. A cama era grande, grande o suficiente para ele sentir o frio da ausência de Clive. A cama representava um terreno deserto.

Rígido.

Mas quando ele precisava de conforto, quando ele precisava de calor, quando perdia sua luta e não podia mais fingir, ele caía no chão e se tocava na escuridão. A calça saía apressada, respiração ofegante, olhos bem abertos, assim ele não podia ver o rosto de Clive, não podia ver os olhos condenatórios para James quando encontrava o alívio e a liberação com a memória de Nazir respirando na parte de trás do seu pescoço.

Os dedos de Nazir em sua pele. O beijo, tão errado que parecia tão certo.

Ele gozava com o nome de Nazir em seus lábios todas às vezes.

Não poderia haver lugar mais sombrio do que este quarto após o clímax. O seu quarto era a sua prisão. Seu inferno. Sua punição. Ele fugia o jardim depois, sentando e implorando a macieira por perdão.

Sabendo que o perdão não viria.

Mas ele gozaria, no entanto. Ele gozaria outra vez da mesma maneira. A cada momento. O cheiro de Nazir em suas narinas. O fantasma de seu toque na pele de James.

Tão fodido.

Capítulo 3

Em seus sonhos, Nazir chamava o seu nome.

Estranho, porque, geralmente, esse era o trabalho de Clive. Normalmente, Clive estaria lá com ele, chamando seu nome em tons que James não conseguia decifrar.

— James.

Aquela voz era mais profunda, e estava próxima. James franziu a testa.

— James, acorde.

Ah, merda. Ele se levantou, piscando contra a luz brilhante. Não era de admirar que o sonho não fizesse qualquer sentido. Nazir estava na porta do quarto.

— O que...

— Desculpa. Eu bati, mas você não respondeu, então eu apenas entrei.

Ele não parecia arrependido, mas o que James sabia?

Ele engoliu em seco, balançando a cabeça.

— Está tudo bem. É a sua casa também — o rosto de Nazir não mudou naquela expressão enganosamente calma que ele usava. James saiu do saco de dormir até que se lembrou que só usava boxers debaixo das cobertas. Merda. — Uh.

— Eu trouxe o jantar. — Nazir disse suavemente. — Carneiro com curry. Desça quando estiver pronto.

Ele se virou e James esperou até que ele ouviu os passos descendo pela escada antes de se levantar e colocar uma calça preta e camiseta vermelha frouxa. Ele entrou no banheiro apenas tempo suficiente para jogar água no rosto e gargarejar com um pouco de enxaguante bucal, em seguida, foi para o andar de baixo.

Não adiantaria reconhecer o tesão que ele tinha, esperando fervorosamente que pudesse diminuir antes de encontrar Nazir. Não havia sentido em pensar sobre a situação instável em sua barriga - que o preocupava - e se ele seria capaz de lidar com comida.

Na sala de jantar, ele encontrou Nazir já sentado. Não na cabeceira da mesa onde Clive se sentava durante toda a relação dele e de James. James olhou para o relógio na parede.

7:30 em ponto. Merda. Ele tinha dormido o dia inteiro.

Ele limpou a garganta e puxou a cadeira oposta a Nazir, sentando-se antes de perguntar:

— Você fez o que eu pedi?

Nazir levantou os olhos da comida que estava servindo. — O que você pediu?

— Você está falando sério? — filho da... James franziu os lábios. — Dispense Serch, Nazir.

O outro homem empurrou um prato para James empilhado com arroz e carne de carneiro acompanhada com algum tipo de salada verde. Ele pegou com um aceno agradecido.

— Serch vai ficar. — Nazir disse após James dar a sua primeira garfada de dar água na boca. — Eu preciso dele para ter certeza de que você está bem.

— Eu sou um homem adulto. — James retrucou, e o garfo de plástico branco caiu de sua mão de volta para o prato. — Apesar do que o seu pai disse, eu... não preciso que alguém cuide de mim.

Nazir tomou um gole de água, observando-o. James não conseguia lê-lo. Ele nunca pôde. Depois de tudo isso, ele ainda não tinha certeza se Nazir estava tão afetado quanto ele. Se ele estava tão atolado com a culpa quanto James. Nazir não respondeu a ele, ele apenas ficou lá mastigando devagar. James tentou não olhar para ele.

Ele tentou não notar a maneira como ele lambia os lábios, deixando o lábio inferior molhado, acelerando o batimento cardíaco de James. Toda vez que Nazir engolia, James tinha que afogar um gemido.

Isso era impossível. Não importa o quanto ele tentasse, não havia como mudar isso. Ele procurou uma distração.

— O que você quer fazer com a casa? — antes, ele não conseguia discutir sobre a casa, com medo do que Nazir poderia dizer. O homem mais jovem não esboçou qualquer reação quando foi revelado que um dos pedidos de Clive era que a casa ficasse com James e Nazir.

— Não importa para mim. — Nazir deu de ombros. — É sua decisão.

— Não é só minha. — James disparou de volta. — Seu pai deixou para nós dois. Nós... — ele fez um gesto entre eles. — Temos que decidir juntos.

À exceção de uma ligeira contração, quase imperceptível no canto de sua boca, Nazir não lhe deu nada.

— O que você quer fazer com a casa, James?

Tão paciente.

Não era justo compará-lo a Clive. Na verdade, era doente. Mas enquanto estava sentado lá, James lutava para sustentar o olhar

penetrante de Nazir, tomando nota de quão diferente ele era de seu pai.

Seu comportamento.

Suas vozes.

Seu toque.

Ele pegou o copo e engoliu a água.

— Eu amo esta casa — ele deu de ombros. — É a minha casa.

Nazir o olhava, entediado. — Então é a sua casa.

Eles olharam um para o outro, os fios pesados, mas invisíveis entre eles mantendo-os ligados, presos no lugar.

Sufocante. O mais alto silêncio.

Esse silêncio tinha palavras. Palavras de anseio pelo proibido.

Tirava o que era artificial, e expunha suas almas e as exibia sobre a mesa da sala de jantar. Na mesma mesa que James compartilhara refeições com seu marido todos os dias durante sete anos.

Sua garganta convulsionou e ele desviou o olhar de Nazir para olhar para seu prato.

Quarenta e cinco. Ele tinha fodidos quarenta e cinco anos, mas o homem à sua frente o fazia se sentir como um adolescente de novo. Desastrado. Perdido. Querendo entrar em uma merda que não era da porra da conta dele.

— James.

Por que seu tom era sempre tão suave? Por que ele estava sempre dizendo um milhão de malditas coisas com apenas uma palavra?

James levantou a cabeça.

— Seu pai cuidou de mim, então agora é a sua vez, hein? Você está assumindo o papel dele?

Isso fez com que Nazir apertasse sua mandíbula.

— Eu quero ter certeza de que você esteja bem. Não tem nada a ver com o que eu prometi ao meu pai — ele se recostou. — Qual é o problema? Eu já vi você no seu pior

James riu.

— Você não me viu no meu pior — quando Nazir abriu a boca para falar, James se levantou, batendo as duas mãos sobre a mesa. —

Você não me viu no meu pior. Você me viu para baixo, mas você não me viu no meu pior — com as narinas dilatadas, ele encarou Nazir desafiadoramente. — Meu pior será o dia em que eu entrar em sua cama, porque então eu terei finalmente dizimado os meus votos de casamento.

Ele ouviu o inalar de Nazir, viu o jeito como o homem mais jovem se empurrou como se tivesse sido socado, e James precisou de um segundo para que seu cérebro processasse o que ele tinha acabado de dizer.

O que ele tinha acabado de fazer.

Oh, Deus. Ele deslizou para trás em sua cadeira. Ele disse aquilo em voz alta. Três anos e ele finalmente falou aquilo. Ele cobriu o rosto com as duas mãos.

— Então você vai entrar na minha cama.

Cristo.

James abaixou as mãos, segurando a borda da mesa.

— Não te devora por dentro? — eles estavam finalmente falando sobre isso e ele precisava saber.. Ele tinha que saber.. — Quando você sai da cama, a culpa está sempre ao seu lado? Você se sente culpado, Nazir?

— Eu me sinto — a máscara caiu por um segundo e James viu a desolação. — É um inferno, e eu estou nele em cada segundo de cada dia.

— Então por quê? Por quê? — exclamou James. — Não vale à pena.

Não pode valer.

— Eu não sei o porquê. — Nazir disse a ele. — Eu só sei o que eu quero — sua mandíbula se apertou. — Eu quero você.

Três palavras. *Eu quero você*. Elas ressoaram em James, tocando-o em lugares secos e negligenciados.

— Nós não podemos — mas ele queria desesperadamente e o silêncio de Nazir junto com seu olhar certo o provocava, desmascarando o seu blefe. — Eu sou um homem adulto. Velho demais para isso.

Nazir inclinou a cabeça, os olhos estreitados. — E eu sou o quê, uma criança? Um menino que não conhece sua própria mente?

James ficou boquiaberto. — Eu tenho quinze anos a mais que você, Nazir.

O outro homem assentiu. — Você tem. Mas eu tenho trinta anos de idade. Também sou adulto. Crescido o suficiente, homem suficiente para tomar minhas próprias decisões. Meus próprios erros.

— Isso seria um erro.

Um sorriso surgiu no rosto de Nazir. Lento. Torto. Sexy. — Eu vou gostar de fazer isso.

James empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé. Ele não podia ficar lá, não tão perto. Nazir estava dizendo as coisas certas, e todas as coisas que faziam James doer por ele. Mas eles não podiam. Se ele não fosse embora, ele sabia onde ia acabar.

— Obrigado pelo jantar — ele se afastou.

— James.

Parando na entrada de sala de jantar, James olhou por cima do ombro. Nazir permaneceu sentado, mas seus olhos; O rosto dele. Bom Deus. Ninguém jamais olhou para James do jeito que Nazir fez naquele momento.

Fome e reverência e tristeza. Tudo isso inundava seus olhos, fazendo-os brilhar.

— Apesar da culpa, eu ainda durmo porque você está em meus sonhos. E nos meus sonhos, eu te toco. — Nazir disse asperamente. — Eu coloco minhas mãos em você e você coloca suas mãos em mim.

Ele se levantou, caminhando, se aproximando cada vez mais, até que ele estava atrás de James, respirando em seu pescoço, provocando o calor em seu corpo, convidando-o a se afundar nele.

James não podia se mover. Nazir o manteve preso, com suas palavras, sua voz.

— Em meus sonhos, eu e você? Nós nunca somos um erro. — Nazir sussurrou contra o seu ouvido.

— Isso é engraçado, porque em meus sonhos meu marido, seu pai, ele diz que me odeia por traí-lo com seu filho.

Nazir o agarrou pelos braços, e o virou. Peito a peito. James fechou os olhos. Ele poderia se mover. Ele deveria. Mas ele não queria ir. Ele queria estar perto de Nazir, queria encontrar a fonte de calor que emanava dele e se aquecer.

Dedos no seu queixo levantaram a sua cabeça.

— James, olhe para mim.

Ele abriu os olhos e desejou que não tivesse. Ele ficava louco por não poder ler Nazir antes, mas agora? Ele não sabia que emoção girava em seus olhos com pálpebras pesadas. Luxúria. Excitação. Necessidade.

James estremeceu.

— Seis — ele sussurrou. — A quantidade de vezes que quase gritei o seu nome quando eu estava na cama com seu pai. Porque veja, não começou com aquele beijo.

Os olhos de Nazir brilharam, e uma chama perigosa deixou James em alerta.

— Quarenta e três — ele continuou com a voz trêmula. — A quantidade de vezes que eu gozei imaginando suas mãos em mim.

Nazir rosnou e empurrou-o contra a parede, lançando-o contra ela, agarrando o rosto dele. O coração de James subiu para sua garganta, prestes a escapar através de sua boca, mas ele ficou lá, ofegante, tremendo.

— Por favor — ele nunca implorou a Clive por nada. Mas ele estava implorando a Nazir. Estava sempre implorando a Nazir. Ele agarrou a frente da camisa de Nazir, mantendo-o perto enquanto eles esfregavam os rostos um no outro.

Narizes colidindo.

Testas encostadas uma na outra.

Esta necessidade transformou os ossos de James em puro líquido, líquido fervente, queimando-o. Ele inalou Nazir, as pálpebras caindo, gemendo quando os lábios de Nazir roçaram o canto de sua boca.

— Por favor — ele segurou a parte de trás da cabeça de Nazir, seus olhos fechando com aquele simples prazer. — Naz.

Lábios tocaram a orelha esquerda de James, dentes puxaram seu lóbulo.

— Eu posso esperar. — Nazir disse com a voz rouca. — Eu posso esperar o tempo que for para você me dizer *sim* — ele moveu a cabeça para frente, lambendo a bochecha de James.

Sua respiração engatou.

Seus joelhos se dobraram.

Então Nazir foi embora, caminhando para fora da sala. James bateu uma mão contra a parede, mantendo-se de pé até que ele ouviu a porta bater.

E depois ele caiu no chão.

Capítulo 4

O toque do telefone de Nazir ecoou no banheiro quando ele saiu do chuveiro. Ele pegou uma toalha da prateleira, enrolando-a em torno de sua cintura com uma mão enquanto pegava o telefone de onde colocara na pia.

Por um momento ele esperou que fosse James ligando. Isso acelerou seu pulso, até que ele olhou para o identificador de chamadas. Ele respondeu com um sorriso. — Mamãe.

— Oi, querido.

No quarto, ele rapidamente colocou o jeans que havia descartado antes. Parecia estranho falar com a sua mãe enquanto estava nu. Sentando-se na borda da cama, ele perguntou:

— O que houve?

— Precisa acontecer algo para eu ligar para o meu bebê?

Ele revirou os olhos. — Mamãe.

Ela bufou em seu ouvido.

— Certo, tudo bem. O que está acontecendo com James? Eu tenho ligado, mas ele não atende — a preocupação tingiu suas palavras quando ela perguntou: — Ele está bem?

Sua mãe cuidando de James surpreendia apenas James. Susanna Crowder deu boas-vindas a todos em sua vida com os braços abertos e ela era a pessoa menos preconceituosa que Nazir já conhecera. Ela não tinha piscado um olho quando o pai de Nazir revelou sua bissexualidade a eles no mesmo dia em que Nazir revelou ser gay aos dezesseis anos. Seu pai queria que ele soubesse que não estava sozinho e que ele não tinha nada com que se preocupar achando que seus pais poderiam odiá-lo ou que o negassem.

Ele tinha apreciado tanto.

E como você retribuiu?

Ele limpou a garganta, deixando-se cair para trás na cama, um braço atrás da cabeça enquanto olhava para o teto. — James está bem, mãe.

— Então por que...

— Eu disse a ele que eu o queria.

— Ah — sua mãe fez uma pausa, em seguida, perguntou em voz baixa: — Como ele reagiu?

Ela foi a pessoa para quem ele correu quando se viu atraído pelo amante de seu pai. Ele viajou de Atlanta para onde sua mãe vivia com seu segundo marido, em Los Angeles. Onde ele e seu pai tinham sido muito próximos antes, então eles se separaram. Algo que Nazir deliberadamente deixou acontecer. Ele não podia olhar seu velho nos olhos.

— Ele sente o mesmo — ele esperava, suspeitava, mas não havia nada melhor que ouvir o homem que desejava admitindo esses sentimentos. — Mas mãe, a culpa está fodendo com nós dois.

— Olha a linguagem — ela gritou.

Merda.

— Desculpe — punido, ele engoliu em seco e fechou os olhos. — Ele me quer, mas ele também está cheio de culpa e eu não sei o que fazer para fazê-lo se sentir melhor sobre isso.

Como é que qualquer um deles se sentiria melhor sobre uma traição como essa?

— Você disse a ele que o ama?

— O quê? — seus olhos se abriram. — Não, ele não está pronto para ouvir tudo isso.

E talvez Nazir não estivesse pronto para mostrar sua alma, se despir, quando existia a possibilidade de que James o rejeitasse.

Sua mãe fez um som de descrença. — Então, o que, você diz que quer o corpo dele, mas não fala nada do que tem em seu coração?

— Mãe.

Ok, mas quando ela dizia assim...

— Ele precisa saber que isto não é apenas um *caso* para você, Nazir — ela mudou para o modo sermão rapidamente. — O que você

está pedindo não é uma coisa simples. Pelo menos o deixe saber que você não está apenas cobiçando o que seu pai tinha. Ajude-o a compreender que não é uma aventura, e você não o deixará de lado uma vez que você conseguir o que deseja.

Ele se levantou.

— Eu nunca faria isso — por um lado, seus pais o criaram melhor do que isso. Ele jamais usaria e descartaria as pessoas; fossem elas amantes ou conhecidas. Além disso, era James.

— Mas ele não sabe, querido — sua mãe disse suavemente. — Ele ainda está de luto por seu pai. Ele fez votos a ele, e os votos não desaparecem automaticamente apenas porque o seu pai não está mais aqui.

Ambos ficaram quietos com isso. Nazir fechou os olhos. Em um minuto seu pai estava lá, um homem forte, vibrante e no próximo ele era uma sombra frágil de quem costumava ser, desaparecendo rapidamente como o crepúsculo. O câncer havia progredido muito no momento em que os médicos o detectaram.

Câncer de próstata.

Os homens negros não iam aos médicos a menos que estivessem à beira da morte. Eles não queriam que suas próstatas fossem checadas do mesmo jeito que os homens brancos não queriam.

A família tinha feito as pazes com ele, tanto quanto podiam. Eles conseguiram se despedir, mas ainda assim os destruiu quando ele se foi. Como não poderia? James manteve-se forte até o funeral. Foi então que, depois que as portas se fecharam atrás da última pessoa que tinha parado para prestar suas homenagens que ele finalmente quebrou, entrando em colapso nos braços de Nazir.

Eles derramaram sua dor e sua tristeza um no outro. E até agora, ele não sabia quem fez o primeiro movimento. Seu único beijo. Ele não tinha enganado a si mesmo em pensar que significava mais.

Para James, pelo menos.

Para ele, significava tudo.

— Nazir.

Ele piscou quando sua mãe o chamou.

— Eu estou aqui — o tom rouco de sua voz o fez coçar a barba áspera ao longo de sua mandíbula. — Sinto falta dele.

— Eu sei — ela suspirou. — Eu também, e esta coisa com James, meu querido, você tem que deixá-lo saber como realmente se sente.

Ele queria. Deus sabe que ele queria, mas...

— E se ele não se sentir da mesma maneira que eu?

— Oh, meu lindo menino. Pelo menos, então você vai saber.

Pelo menos você vai saber.

Talvez saber poderia quebrá-lo. Ou uni-los. Ele tinha aceitado desde o começo que ele teria que conviver com o que sentia por James. Ele teria que conviver com essa traição para com seu pai. Na maioria dos dias ele se mantinha ocupado para evitar lidar com isso, mas não havia nada que pudesse fazer para escapar.

Sua mãe conhecia Clive melhor, Nazir pensava que melhor do que James jamais poderia, desde que eles foram namorados na escola. Sua mãe e seu pai permaneceram melhores amigos, mesmo após o divórcio. Inferno, ela defendeu James em seu casamento porque ele não tinha família para representá-lo.

— Você acha que ele iria me odiar? — ele perguntou em voz baixa.

— Não. Nunca — ela disse rapidamente, enfaticamente. — Seu pai nunca poderia e nunca te odiaria, Nazir. Ele iria entender — sua voz suavizou. — Ele, de todas as pessoas, iria entender que você não pode escolher por quem se apaixona.

Mas você pode escolher as ações que você faz. Sentir era uma coisa. Agir sobre isso? Esse conhecimento doía profundamente, onde os pedaços do menino que amava seu pai ainda residiam. Porque não havia nenhuma maneira de saber com certeza.

— *Cuide dele, Naz* — dois dias antes de sucumbir à doença, seu pai ofegou essas palavras no ouvido de Nazir, com os olhos avermelhados em seu rosto pálido e magro, os dedos trêmulos enquanto ele segurava o pulso de Nazir. — *Prometa que vai estar lá para ele.*

Lembrou-se de engasgar com a culpa, com a traição tão espessa na parte de trás de sua língua, quando prometeu. Lembrou-se também do suspiro estremeado que seu pai deixou escapar ao ouvi-lo. A maneira como ele se acomodou contra os travesseiros com a menor fração de alívio iluminando seus olhos.

— Vá até ele — sua mãe pediu. — Diga a ele. Soletre se for preciso. Dê a ele tudo o que precisa para fazer a sua escolha, Naz. Isso é tudo o que você pode fazer.

Ele tinha sorte por tê-la como mãe. A única parente que ele tinha. A emoção o sufocou. — Eu te amo, mãe.

— Oh, meu doce menino — ele ouviu seu sorriso. Viu seus brilhantes olhos castanhos em sua mente. — Eu também te amo. Muito mesmo.

Ter trinta anos não significava nada. Momentos como agora, quando ele estava se debatendo e precisava de algo para se agarrar, ele era grato por sua mãe. A melhor pessoa que ele conhecia, além do seu pai.

Essa revelação fez algo em seu peito. O pai dele. Ele era o melhor pai. Ele iria entender, não é? Ele daria o seu apoio a Nazir e James para ficarem juntos com aquele meio sorriso em seu rosto, seus olhos brilhando antes de dar a Nazir uma piscadela familiar.

Essa piscadela sempre falava volumes. Ao longo dos anos tinha tomado o lugar de “*Eu te amo*”, “*Eu estou orgulhoso de você*”, e muitas outras coisas.

— Mãe — ele ficou de pé, energia surgindo através dele enquanto abria a gaveta em busca de uma camiseta. — Eu tenho que ir.

— Oh — ela disse. — Você vai até ele?

— Eu vou — ele balançou a cabeça, embora ela não pudesse ver aquele ato. — Eu vou seguir o seu conselho, colocar todas as minhas cartas na mesa.

— Bom para você.

Ele riu. Apenas sua mãe estaria torcendo por ele em uma situação como esta.

— Vá pegá-lo — ela sussurrou.

É isso aí. Ele segurou o telefone no ouvido com o ombro enquanto colocava uma camiseta preta enrugada sobre sua cabeça.

— Adeus, querido.

— Até mais tarde, mãe.

Ele saiu do quarto.

— Oh, e Naz?

— Sim, mamãe? — ele enfiou os pés nos tênis, perto da porta.

— Diga oi a James por mim.

Capítulo 5

James não estava surpreso ao ver Nazir em sua porta, três dias depois daquele jantar. Ele engoliu em seco quando Nazir sorriu para ele.

— Hey.

— Ah. Hey — sua voz já estava trêmula.

James, você é um homem crescido. Aja como tal. Jesus.

Nazir levantou as sacolas de compras em suas mãos. Cerca de cinco ou seis sacolas Publix.²² — Eu pensei que você gostaria de cozinhar comigo.

— Hmm. — James olhou para ele, para aqueles olhos enganosamente inocentes olhando para ele. — Você pensou, hein?

Um sorriso veio e se foi nos lábios de Nazir. — Bem. Esperava, realmente.

— Eu aposto.

— Você vai me deixar entrar ou não?

James deu de ombros e deu um passo para trás.

— Você não precisa da minha permissão para entrar.

— Claro que preciso. — Nazir passou por ele foi para a cozinha, falando sobre seu ombro. — Esta é a sua casa. Não é minha.

Não era a vontade de Clive, mas James deixou isso passar, seguindo Nazir. Ele ficou em pé com os braços cruzados na porta da cozinha.

— O que você vai fazer? — ele enfatizou o ‘você’, porque ele não podia cozinhar nada e Nazir sabia disso.

— Vamos tomar o café da manhã no jantar. — Nazir não se incomodou em olhar para ele quando esvaziou o conteúdo dos sacos em cima do balcão. — Queijo, ovos mexidos e linguiça, junto com maçãs fritas e biscoitos — depois que ele esvaziou as sacolas, ele olhou para James. — O que você acha?

— Acho que você sabe muito bem que eu nunca recusaria comida.

Nazir sorriu.

James permitiu-se cobiçar os lábios do outro homem por dois segundos antes de voltar seu olhar para Nazir, tão cheio de conhecimento.

— Você também sabe que eu não sei cozinhar.

Exceto os poucos pratos que Clive o ensinara.

— Nenhuma desculpa para esse equívoco, James. E nunca é tarde para aprender.

Nazir soou tão parecido com seu pai naquele momento que James teve que bater a palma da mão na parede para manter-se firme.

— Naz?

Nazir virou, encarando-o totalmente. — Sim?

— O que você está fazendo?

E ele não quis dizer apenas neste momento. Ele quis dizer em *todos* os momentos. Aqueles antes e aqueles que ainda estavam por vir, porque Nazir não estava prestes a desaparecer de repente de sua vida. Ele sabia disso.

O homem mais jovem se aproximou dele. — Eu quero te mostrar quem eu sou.

— O quê? — James franziu a testa. — Eu sei quem você é.

Nazir balançou a cabeça, sem tirar os olhos do rosto de James.

— Você me conhece como o filho do meu pai. É difícil de separar, eu sei, mas quero que você me veja como um homem que quer estar com você — ele fez uma pausa e pareceu se recompor; sua garganta trabalhando antes de dizer: — Um homem que te ama.

Essas palavras abalaram James e ele ofegou, chocado.

— Naz — a única coisa que ele se permitiu dizer. Aquelas outras palavras amontoadas em sua garganta? Ele não tinha direito a elas. Não tinha o direito de senti-las.

— James. — Nazir tocou sua mandíbula, acariciou-a. De um lado para outro, com o polegar. O toque suave era como ouro líquido sendo derramado nas rachaduras em seu coração, consertando-o. — Eu não estou aqui pelo que meu pai teve. Eu não estou tentando usar você para estar mais perto do meu pai.

Era como se ele pudesse ver dentro da cabeça de James e começasse a arrancar e a expressar todos os medos que ele tinha de falar.

— Eu o quis no momento em que meu pai nos apresentou, mas naquela época essa era a minha merda para lidar. Minha traição. — disse Nazir. — Por isso fui embora, e fui morar com a minha mãe, por causa do que eu sentia por você.

James olhou para ele. A saída abrupta de Nazir de Atlanta tinha ferido Clive profundamente, mas ele nunca tentou impedir seu filho de ir embora. Tudo o que ele fez foi apoiá-lo. E tinha sido culpa de James durante todo esse tempo?

— Eu voltei porque sentia falta do meu pai. — Nazir continuou. — Mas o tempo parou para mim, porque o que eu sentia por você nunca foi embora. Apenas ficou maior.

— Eu...

O que ele poderia dizer?

— Eu sabia que nada poderia acontecer, claro que sim. Mas eu te conheci, não apenas como amante de meu pai, mas como um homem. Como um amigo. — Nazir suspirou. — Era inevitável me apaixonar por você.

— Eu não sabia. — James agarrou seu pulso, agarrando-se a ele. Sua pele era tão quente. — Eu não sabia.

— Eu não queria que você soubesse. — Nazir fez uma careta. — Mas então nos beijamos.

O beijo. Um ato de comiseração, de tristeza e dor. James olhou para dentro de Nazir e reconheceu o homem destruído olhando para ele. Ambos tinham perdido Clive. E James precisava de algo para substituir a dor que havia em seu coração. Um movimento que saiu pela culatra espetacularmente. A dor se mexeu um pouco, só para abrir espaço para a culpa.

— Eu queria você, também — ele confessou em um sussurro pesado. — Eu nem sei quando começou. Eu só sei que um dia você era filho do meu marido e no próximo, o seu nome era a única coisa que poderia me fazer sentir.

O olhar de Nazir se aguçou sob as sobrancelhas escuras.

— Eu quero cozinhar para você todas as noites. Eu quero fazer planos para a próxima semana e para o próximo mês com você. Eu quero segurá-lo e quero que faça o mesmo comigo quando sentirmos

falta do meu pai — sua voz tremeu, mas ele não parou de falar. — Eu quero fechar as cortinas e ficar na cama com você quando sua depressão levar a melhor sobre você. Ou ficar sentado lá fora até você me chamar — seu pomo de Adão balançou. — Até que você precise de mim.

— Você acha que eu vou precisar de você? — James levantou a cabeça.

Nazir deu de ombros. — Espero que sim. Porque eu preciso de você.

Este homem lindo. James tocou-o, deslizando um dedo pela ponte do nariz de Nazir. Ele tinha amado Clive sem arrependimentos. Ele se considerava o filho da puta mais sortudo por ter tido o coração de Clive. Ele tinha valorizado, ele tinha, até o momento em que outro alguém derrubou suas defesas. Não havia maneira de contornar isso, não mais. Ele estava apaixonado por Nazir já fazia algum tempo.

O que ele iria fazer sobre isso? Esconder-se no escuro ou sair para a luz e aceitar este presente que ele recebeu? Duas vezes em uma vida, como poderia alguém como ele ser tão sortudo?

— James?

Ele não sabia se Nazir tentava ou não, mas ele não chegou a esconder o tremor em sua voz. O medo e a incerteza.

Apaixonar-se pelo filho de seu marido.

James balançou a cabeça. Essa era uma merda de alto nível. Ele passou os últimos anos se escondendo e se preocupando.

— Sua mãe, ela está me ligando.

Ele e Susanna estavam em ótimos termos, por enquanto. Como ela reagiria à ideia de James e Nazir?

— Ela sabe. — Nazir disse asperamente. — Soube desde o início — os cantos de sua boca se elevaram. — Eu falei com ela antes de vir. Ela mandou dizer oi.

— Então... — James lambeu os lábios. — Então, ela está bem com isso?

— Ela está. — Nazir assentiu, em seguida, aproximou-se, invadindo o espaço de James. Pressionando contra seu peito. Ele tirou a mão do rosto de James e se inclinou, cheirando a curva de seu pescoço. — Você precisa de tempo para pensar? — seus lábios roçaram a pele de

James, fazendo-o tremer, antes que ele recuasse e procurasse seu olhar.
— Do que você precisa, James?

Ele precisava de um monte de coisas, mas de tempo? Ele não precisava de tempo.

Ele segurou o queixo de Nazir, sorrindo quando o outro homem virou o rosto na palma de sua mão, lábios pressionando contra ela. — Eu preciso que você cozinhe para mim.

O sorriso no rosto de Nazir.

Merda.

— Então, podemos fazer planos, e Nazir? — James levantou uma sobrancelha. — Eu estou ansioso para fazer planos com você.

Agradecemos pela Leitura <3



Notas

[\[-1\]](#)



Locs é um tipo de trança no cabelo.

[-2]



Uma marca de sacolas de compras retornáveis nos Estados Unidos.

Table of Contents

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[\(Sem título\)](#)

[IN DREAMS...](#)

[Livro ÚNICO](#)

[Avril Ashton](#)

[\(Sem título\)](#)

Tradução: Rose, Michelle

revisão inicial: Denise

REVISÃO FINAL: LANNA

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

(Sem título)

Sinopse

Notas